

Tecnologia da informação e competitividade

Cesar Lavalle

Imagine uma economia em que o consumidor tem a sua escolha apenas produtos padronizados. Imagine agora outra, onde os consumidores determinam os produtos que ainda vão ser produzidos para seu consumo. A primeira tem como motor a busca da eficiência através de processos produtivos em série e em grande escala. A segunda procura entregar aquilo e somente aquilo que o consumidor quer. Uma está calcada fundamentalmente no custo de produção decrescente e a outra na crescente satisfação do consumidor. Uma está baseada em previsão do que vai ser consumido e a outra fortemente calcada na capacidade de resposta ao estímulo de consumo. A primeira representa a economia com forte vínculo nos princípios da Revolução Industrial; a segunda representa a Era da Informação. O momento em que se vive atualmente marca a transição entre estas duas economias.

Cada vez mais observamos setores da indústria que enfrentam verdadeiras revoluções em face do mundo digital. A indústria fotográfica e a fonográfica são alguns dos exemplos mais óbvios. Isto por obra e graça dos desenvolvimentos da tecnologia da informação (TI) ocorridos nas duas últimas décadas. As inovações tecnológicas têm possibilitado muito mais do que fazer mais em menor tempo; elas têm causado verdadeiras rupturas na maneira pelas quais muitos produtos e serviços são projetados, produzidos e entregues. Principalmente, quando é permitida uma verdadeira revolução em termos de gestão de pessoas, visando estimular a reinvenção, em vez do simples aperfeiçoamento contínuo dos processos de negócio. É neste tipo de ambiente que o pleno potencial da TI tem maior possibilidade de realização.

Agora imagine uma economia digital e globalizada, em que fornecedores e clientes estão dispersos a longas distâncias e em diferentes culturas. O grau de dificuldade na gestão empresarial aumenta exponencialmente, exigindo uma grande capacidade de orquestração de informações ao redor do globo. Nesse sentido, a competitividade tem estimulado o desenvolvimento de processos de negócios mais sofisticados, muitas vezes integrando múltiplos agentes em vasto escopo geográfico. Tudo isto sendo possibilitado por meio do uso intensivo da TI.

Por outro lado, apesar do ambiente cada vez mais complexo, os executivos mais atualizados têm buscado agilidade na condução dos negócios, utilizando o mínimo necessário de informações, relevantes, precisas e oportunas, para cada decisão específica. Isto requer softwares capazes de transformar em informações úteis e suficientes, um vasto volume de dados que detalham a execução das operações. O objetivo é dar visibilidade aos processos produtivos e logísticos, visando à simplicidade na tomada de decisão. Assim, destaca-se um estilo de gestão mais adequado à nova economia, fortemente fundamentado em base analítica; e que contrasta com o modelo do passado, baseado predominantemente na intuição.

Nesta nova economia, a TI possibilita um nível de integração da cadeia de geração de valor nunca antes imaginado. E isto se traduz em maiores benefícios para toda a sociedade, ao ter ao seu alcance produtos e serviços mais aderentes aos desejados e mais relevantes no tempo e espaço. Cabe, portanto, aos gestores das empresas valorizarem o papel fundamental que a TI tem no atual processo de desenvolvimento econômico como um todo, a qual tem o potencial de elevar a um patamar superior tanto a capacidade de formulação, produção e entrega de produtos e serviços, como a maneira de fazer e gerir os seus negócios.

Em recente pesquisa do Centro de Estudos em Logística do Coppead/UFRJ, em conjunto com o instituto americano AMR Research, observa-se que as empresas brasileiras estão aumentando substancialmente seus investimentos em TI relacionados aos processos logísticos. Isto indica que os executivos estão dando crescente importância ao papel da TI para o sucesso dos negócios. Esta pesquisa será plenamente divulgada no III Fórum Internacional de Tecnologia Aplicada a Logística & Supply Chain em São Paulo.

Os resultados da pesquisa também indicam que 65% das empresas brasileiras irão aumentar os investimentos em softwares aplicados aos processos logísticos em 2008, enquanto somente 20% manterão o mesmo nível de 2007. A média de investimento (US\$ 0,79 milhão em 2007)

terá um aumento de 23,2% em 2008. Apesar deste nível ser 60% menor do que nos EUA e Europa, o percentual de crescimento é muito superior ao desses mercados (65% maior do que o europeu e 95% maior do que o americano). Isto coloca as empresas brasileiras em caminho promissor em termos de competitividade numa economia crescentemente globalizada.

Fonte: Gazeta Mercantil, São Paulo, 12 mai. 2008, Opinião, p. A3

A utilização deste artigo é exclusivo para fins educacionais.